

# Guy Brett por Antonio Manuel

**Antonio Manuel**

Sinto certa dificuldade de escrever sobre o amigo Guy Brett, que nos deixou recentemente. Muito querido no Brasil, com um sorriso discreto, expandindo inteligência, amplificando os sentidos; um raríssimo ser humano, que nos deixa muitas saudades. Para este texto, quero relembrar os nossos encontros, em várias situações.

Ouvi pela primeira vez o nome do Guy Brett, na casa do Hélio Oiticica, durante a organização e produção das obras que iriam para Londres, incluindo o *Parangolé Nirvana*, que realizei em parceria com Hélio, que mantinha uma correspondência com Guy e nos falava da sensibilidade e inteligência do curador de sua primeira exposição individual na Galeria Whitechapel, em Londres, em 1969. Crítico independente, com magistral olhar para a arte brasileira, esta curadoria marcou o início da trajetória e do sucesso internacional do Hélio.

Nesse momento, vivia-se um maravilhoso clima criativo e envolvente na casa da Rua Engenheiro Alfredo Duarte, onde hoje funciona o Projeto Hélio Oiticica. Rosa Correia costurava junto com Hélio os *Parangolés*; Rogerio Duarte desenhava a planta da exposição e Torquato Neto datilografava seus textos e poemas. O pessoal da Mangueira aparecia por lá, uma alegria! Trabalhava-se também para o *Apocalipopótese*, que aconteceu um pouco antes da viagem do Hélio para a Inglaterra.

Eu, Roberta Salgado e Lygia Pape fomos à Praça Mauá para nos despedirmos do Hélio e do Torquato, que embarcavam para Londres. No porto, consegui entrar no navio junto com eles e fomos conhecer parte da embarcação e a cabine aonde iriam viajar. Torquato me disse, como uma espécie de premonição: “Estou indo embora, pois isto aqui vai explodir”. Logo em seguida, Caetano e Gil foram presos pela ditadura.

Até este momento, não conhecia pessoalmente o Guy Brett, somente por seu trabalho na Galeria Signals e pelas minhas conversas com o Hélio. Havia recebido o maravilhoso catálogo da exposição na Galeria Whitechapel, cuja capa era uma linda foto do Jerônimo no Aterro do Flamengo, vestido com o *Parangolé Mangueira*.

Tempos depois, Guy Brett veio ao Rio de Janeiro. Esther Emilio Carlos organizou um jantar em sua casa, na Av. Rui Barbosa, onde o encontrei pela primeira vez, muito atencioso e simpático. Após o jantar, sugeri um passeio pela Av. Atlântica. Fomos até o Posto 6 tomar chope e ver as ondas do mar. Foi dessa forma que nos conhecemos e nos tornamos amigos.



**Figura 1**  
Antonio Manuel e  
Guy Brett na entrada  
da Whitechapel  
Gallery, Londres  
foto: Marisa Abate

Na primeira vez em que fui a Londres, Guy me levou para conhecer a Whitechapel e descreveu os espaços e a montagem das obras do Hélió da forma como haviam sido expostas, uma experiência inesquecível! De lá, fomos almoçar no bairro indiano. Enquanto andávamos, encontramos diversas jacas encostadas no meio-fio. Sempre achei que a jaca era nativa do Brasil, mas não, os indianos as vendiam nas ruas próximas à Whitechapel. Foi divertido, pois quando Guy Brett esteve no Brasil, o levei ao Museu do Açude, no Alto da Boa Vista, para conhecer o *Penetrável Magic Square* do Hélió e, pelo caminho, havia várias jaqueiras carregadas. Relembramos os vendedores de Londres e Guy ficou impressionado com as árvores e me perguntou o que aconteceria caso caísse uma sobre as pessoas. Rimos muito.

Em texto para o catálogo da minha exposição no Museu Serralves, em Portugal, em 2000, Guy Brett escreveu: “O que sempre me pareceu uma qualidade especial, comum a alguns artistas brasileiros, de várias gerações, foi a combinação de universalidade, no sentido de ‘perspectiva do Universo’, aspiração cósmica, com uma profunda imersão na experiência vivida, no cotidiano, no político, no contingente. De fato, uma dialética entre o corpo



**Figuras 2 e 3**  
Guy Brett e Antonio  
Manuel, na região  
leste de Londres  
foto: Marisa Abate



e o espírito. Uma espécie de pensamento, móvel, elástico, emerge desta dialética com toda uma série de inflexões individuais. Entre as coisas mais compensadoras que o espectador encontra neste cenário estão os criativos diálogos e ressonâncias entre artistas”. Depois, convidado pelo Museu Serralves para uma palestra sobre o meu trabalho, ele foi ao Porto, onde nos encontramos, tendo um bom tempo para conversar, curtir a exposição e a linda cidade portuguesa.

A exposição *aberto fechado: caixa e livro na arte brasileira*, organizada pelo Guy Brett, na Pinacoteca de São Paulo, em 2013, foi a sua primeira curadoria no Brasil e reuniu diversos artistas, de várias gerações. Particularmente, admirava a forma como Guy, com sua elegância, cuidava de todos os detalhes. Desde o convite aos artistas, passando pela seleção das obras e os depoimentos para o catálogo e, claro, a maravilhosa montagem na Pinacoteca. Para a exposição, ele selecionou o meu trabalho *Urna Quente*, de 1975, e sugeriu que se fizesse um pequeno vídeo da urna aberta e fechada. A ideia foi ótima e o vídeo acompanhou a obra durante a exposição.

Guy Brett sempre foi muito querido no Brasil. Em 2017, Paulo Venâncio e Luciano Figueiredo organizaram, no MAM do Rio de Janeiro, a maravilhosa



**Figura 4**  
Guy Brett e Antonio  
Manuel, na região  
leste de Londres  
foto: Marisa Abate

exposição *Guy Brett: a proximidade crítica*, em homenagem a ele. Estava prevista a sua vinda ao Rio para a inauguração, o que não aconteceu, devido à progressão da doença.

Recentemente, recebi um e-mail da Alejandra, sua mulher, comunicando a partida do Guy: “Nos últimos seis meses, o Parkinson de Guy o deixou em restrições, frustrado por ele não ser mais capaz de ler ou escrever. Por isso, ontem, no conforto da nossa casa e de Luciana, decidiu partir à descoberta de novos horizontes, de mundos desconhecidos, como sempre fez durante a sua vida”.

Por tudo isso, Guy Brett, de intelecto iluminado e particular, nos deixa profunda saudade.

Antonio Manuel

Agosto de 2021

Artigo recebido em 02 de outubro de 2021 e aceito em 19 de novembro de 2021.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

